



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

PATRÍCIA ANDRÉA VIEIRA NEGREIROS

**A LITERARIEDADE NA COMPOSIÇÃO *PÁTRIA QUE ME PARIU*,
DE GABRIEL, O PENSADOR**

Campina Grande – PB

Junho de 2012

N385I Negreiros, Patrícia Andréa Vieira.

A literariedade na composição \ “pátria que me pariu\”
de Gabriel, o pensador [manuscrito]./Patrícia Andréa
Vieira Negreiros. – 2012.

25 f.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação - CEDUC, 2012.**

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Rosângela Maria Soares de
Queiroz, Departamento de Letras”.

1. Literariedade. 2. Música. 3. Interação. I. Título.

21. ed. CDD 404.4

PATRÍCIA ANDRÉA VIEIRA NEGREIROS

**A LITERARIEDADE NA COMPOSIÇÃO *PÁTRIA QUE ME PARIU*,
DE GABRIEL, O PENSADOR**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosângela Queiroz.

Campina Grande – PB


Junho de 2012


PATRÍCIA ANDRÉA VIEIRA NEGREIROS


**A LITERARIEDADE NA COMPOSIÇÃO PÁTRIA QUE ME PARIU,
DE GABRIEL, O PENSADOR**

Artigo aprovado em 29/04/2012

BANCA EXAMINADORA:

 Nota: 4,5
Profª. Drª. Rosângela Maria Soares de Queiroz (UEPB)
(Orientadora)

 Nota: 4,5
Profª. Ms. Andreia Bezerra de Lima (UEPB)
(Examinadora)

 Nota: 4,5
Profª. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)
(Examinadora)

Média: 4,5

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não soltar minha mão nenhum minuto de minha vida, por me dar esperança e fé nas horas difíceis, por me fortalecer na realização deste trabalho.

Às minhas mães, Vera e Regina, pelo apoio e palavras de estímulo, por acreditarem em mim e por todo carinho e compreensão. Ao meu tio-padrinho e pai por servir de exemplo em minha vida.

Aos irmãos, Thiago e Túlio, que, mesmo sem saber, me incitam a ser uma pessoa melhor a cada dia. Agradeço especialmente à minha irmã Thainá por sua dedicação e auxílio nas horas em que precisei, por me fazer ver que posso alcançar a vitória, por nunca me deixar pensar em desistir. Obrigada, minha irmã, pelas madrugadas em que ficaste ao meu lado me auxiliando.

Ao meu esposo, André, pela dedicação e cuidado para comigo, por sua compreensão e apoio. Ao meu filhinho João Pedro, que é meu maior orgulho e motivação para continuar lutando, pela compreensão quando diversas vezes tive que me ausentar, deixando-o aos cuidados alheios.

À minha querida sogra, Da Paz, que cuidou com afinho e muito amor do meu filho, quando tive que sair para estudar ou quando me faltava tempo para ficar com ele.

À professora Rosângela Queiroz, por sua paciência e por nunca ter me desamparado, porque sempre me incentivou e instigou a prosseguir através de seu otimismo e por demonstrar confiança em mim. Por repassar-me suas experiências e orientar-me no processo deste trabalho.

À minha grande amiga e companheira de curso, Andreilza, que foi a primeira a me mostrar o encanto de se trabalhar com textos críticos em sala de aula, por dispor horas de seu precioso tempo para me auxiliar nas discussões dos textos, por sua cumplicidade e amizade, por sempre me incentivar a atingir meus objetivos.

Dedico este trabalho às pessoas que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e acreditando em mim; minhas duas mães, Vera e Regina, meus irmãos, Thiago, Thainá e Túlio.

Dedico também ao meu esposo, André, e filhos João Pedro e Maria Eduarda, que brevemente estará entre nós, por serem o principal motivo por desejar continuar buscando sempre novos horizontes.

À minha amada avó Raimunda, que mesmo estando distante, sei que ora e torce por minha felicidade.

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo examinar a literariedade, isto é, o conjunto dos elementos de linguagem literária presentes em uma composição de Gabriel, o Pensador. Na qualidade de professora de Língua Portuguesa e de Literatura, como principal motivação, moveu-nos a intenção de dar um passo inicial para a preparação de um futuro trabalho de sala de aula enfocando o valor do conceito de literariedade para os estudantes de Literatura do Ensino Médio. Ressaltamos igualmente a importância do papel do professor como mediador no processo da leitura literária, bem como da relação dos jovens com as letras do artista estudado, com as quais possuem significativa empatia.

Palavras-chave: Literariedade. Música. Interação.

ABSTRACT

This article aims to examine the literariness, in the set of elements of literary language present in a composition of Gabriel the Thinker. As a teacher of Portuguese Language and Literature, as the main motivation, he moved in the intention to give an initial step for the preparation of a future work of the classroom focusing on the value of the concept of literariness for students of the Teaching of Literature East. We stress also the importance of the teacher's role as mediator in the process of literary reading, and the ratio of young people with the lyrics of the artist studied, with which have significant empathy.

Key-words: literariness. Music. Interaction.

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO	0
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	04
2.1	Conceito de literariedade	04
2.2	A literatura no ensino médico	05
2.3	O papel do professor como mediador no processo da leitura.....	07
2.4	Conhecendo o <i>rapper</i> Gabriel, o pensador	08
2.5	“Pátria que me pariu”: Uma crítica em forma de canção	10
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
4	REFERÊNCIAS	15
5	ANEXOS	17
	Anexo A – Letra da música “Pátria que me pariu”	18
	Anexo B – Letra do Hino Nacional Brasileiro	20
	Anexo C – Poema “Canção do Exílio”	23

1. INTRODUÇÃO

O ensino de literatura nas escolas precisa ser uma atividade significativa, tanto para professores quanto para alunos, uma vez que “a literatura é uma necessidade universal” (CANDIDO, 1995, p. 113), dada a sua função de integrar o indivíduo no mundo em que vive, tornando-o mais compreensível.

Por isso, há uma grande preocupação acerca da leitura dos textos literários ministrados em sala de aula, pois são textos que se mostram mais lacunares e abertos à participação do leitor do que os textos não literários. (BRANDÃO e MICHELETTI, 1997, p.22). A leitura de um texto literário permite ao interlocutor uma abertura maior acerca dos saberes entre o homem e o mundo, pois esse tipo de discurso implica, além da comunicação, um grau elevado de expressividade em que “a literatura cria a partir da realidade, da experiência de um eu, um objeto verbal, visando dialogar com o espírito e a emoção de um outro”.(idem, ibidem p. 23). Percebe-se desde logo que estamos diante de uma utilização especial da língua que falamos, pois, se a literatura é arte, nessa condição ela é um meio de comunicação de tipo especial e envolve uma linguagem também especial, a linguagem literária, em que se encontram recursos expressivos que chamam a atenção para o modo como ela própria está construída. É uma linguagem pessoal, carregada de emoções e de valores do eu lírico, que admite interpretações variadas, pois a linguagem que a caracteriza é ambígua, permitindo sempre atualizações, já que está vinculada ao caráter conotativo que a torna muito mais peculiar. (PROENÇA FILHO, 1986, p. 32). Neste sentido, o professor tem um leque de opções que podem ser usadas como instrumento de análise em sala de aula, e uma delas são as letras de algumas canções.

A educação é uma parte dos costumes dos grupos sociais que a criam e recriam, juntamente com outras invenções de sua cultura, em seu meio social. No modo de vida dos grupos sociais, estão inseridas manifestações que exprimem seu conhecimento, ideologias, sua estrutura social. Dentre essas manifestações, uma das que mais tem poder de difusão é a música, que, como

expressão cultural, é um produto do meio social em que foi desenvolvida, tornando-se um reflexo da(s) cultura(s) que a produziram.

O poder de difusão que faz com que a música seja uma das principais manifestações culturais, inclusive no Brasil, pode ser explicado pelo fato de não ser imprescindível a utilização de um instrumento ou de um aparelho eletrônico para se executar uma música. Um dos instrumentos musicais mais completos, o aparelho fonador, está disponível a quase todos; pobres, ricos, negros, brancos; não é necessário ter dinheiro para cantar. Como afirma Cavalcanti (2002, p.85), “a cultura produzida neste mundo de tecnologias é repleta de informações” e a música tem um poder de penetração que une as várias culturas, diminuindo distância e diferenças. É um dos meios de comunicação mais democráticos, porque não depende exclusivamente de aparelhos e de técnicas para ser ouvida ou executada.

A música está muito ligada à cultura brasileira, tanto por influência indígena, quanto por influência negra e europeia. Convivemos com a música ao longo de quase todo o nosso dia-a-dia; no trabalho, em casa, na rua, em vários momentos estamos cantarolando alguma canção que apreciamos. Podemos considerar que a música ouvida no cotidiano é instrumento educador, já que difunde ideias e sentimentos em letras e melodias. Estando presente quase que integralmente na vida de cada um, a música pode se tornar um recurso eficaz na educação formal.

Por integrar simultaneamente o campo visual (texto da música), auditivo (melodia) e comunicativo (expressão de ideias nas músicas), a música pode proporcionar raciocínio, contextualização, percepção, concentração, desinibição, criatividade e aproximação da realidade do educando. Essas habilidades, advindas da fruição da música, devem ser utilizadas em sala de aula mediante um planejamento bem feito, considerando as especificidades dos alunos, da escola e da comunidade. (CAVALCANTI, 2002).

Sendo assim, considera-se interessante um projeto em sala de aula com a canção “Pátria que me pariu”, do cantor e compositor Gabriel, O Pensador, que se diferencia de boa parte dos seus pares (e chegou a ser criticado por eles), por ser branco e de classe média, mas, desde o começo de sua carreira

faz letras de cunho social e moral. Gabriel não quer só cantar e “pensar”, quer protestar e fazer com que as pessoas reflitam acerca de temas como a corrupção, violência, injustiça e conformismo da população. Diante de toda a riqueza e peculiaridade da produção do autor como um todo, verifica-se a importância de trabalhar uma de suas canções em sala de aula, especialmente nas aulas de literatura, pois, além de representar e significar as coisas do mundo, ela informa, explica, convence e leva o aluno a uma ampla reflexão acerca do nosso papel como cidadãos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO DE LITERARIEDADE

O conceito de literatura é algo extremamente amplo, como também discutido no meio dos estudiosos da área, e pode ser designada como a arte do uso da palavra no que diz respeito à criação e recriação de textos. Levando em consideração a cultura de uma determinada sociedade, como afirma Proença Filho (1995, p. 32), “é preciso considerar ainda que só há literatura onde existe um povo e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma cultura”.

É importante ressaltar que, embora a literatura seja tida como a arte do uso da palavra, nem tudo o que está escrito é necessariamente arte. Por isso, é imprescindível fazer uma distinção entre textos literários e não literários, levando-se em conta a complexidade encontrada no discurso literário, que transpõe os limites da coloquialidade. No discurso não literário, há uma relação pragmática com o interlocutor visando fundamentalmente à simples transmissão da mensagem, ou seja, o sentido predominantemente decodificatório do significante (Idem, 1995).

A literariedade se conjuga na relação entre autor, texto e leitor, admitindo dessa forma diferentes visões, levando em consideração sua linguagem, que se caracteriza por ser ambígua e em contínuo estado de renovação. Os textos literários apresentam um tipo de linguagem conotativa, que é aquela carregada de emoções do eu-lírico, estando diretamente ligadas ao meio sociocultural do mesmo (SILVA, 2005, p.16).

2.2 A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

A prática do ensino de literatura é um assunto que já vem sendo discutido por vários teóricos que tentam acabar ou no mínimo diminuir a grade de dificuldades que professores e alunos vêm enfrentando. O grande dilema figura-se em como despertar interesse dos alunos pela leitura, já que nem mesmo os estudantes de nível superior se dedicam à leitura como realmente deveriam.

É notória a necessidade de inovação nas técnicas no ensino de literatura, uma vez que o tipo de aulas que estão sendo ministradas no ensino tradicional não levam os alunos a uma leitura prazerosa que faça com que eles se interessem pelos textos literários, uma vez que para muitos profissionais da área de letras, a tradição e a inércia curricular é o que tem mantido a literatura na escola, pois muitas das vezes as aulas limitam-se a estudar fragmentos de textos literários visando apenas o estudo de escolas literárias, biografia de autores consagrados e análise gramatical, outras vezes objetivando apenas o efeito moralizante e doutrinador presente nos textos, deixando para trás o verdadeiro sentido do texto literário.

Como assinala Cosson (2006, p.17), “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada.” Neste sentido, a literatura deve ser entendida como arte por meio da linguagem verbal, na qual o leitor vivencia experiências que ultrapassa o “saber das coisas” (LARROSA, 2002, p. 27).

Por meio da literatura, o leitor constitui-se sujeito de sua própria história, um ser reflexivo e crítico. Podemos afirmar então que ler “es poner em cuestión eso que somos” (LARROSA, 2003, p. 208). Dessa forma, a mera decodificação feita em sala de aula não oportuniza a construção da subjetividade do leitor, pois os alunos precisam saber o que leem, sendo capazes de fazer escolhas, argumentar, construir hipóteses, que, para Soares 2005, esta forma de leitura

configura-se como letramento e o diverge do processo de alfabetização. Para a autora:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2003, p.55-56)

Portanto, faz-se necessário que tanto professores quanto alunos percebam que o leitor é construtor do texto, assim o significado do mesmo não depende apenas do autor e sim do leitor, é ele que dá significação ao texto a partir de seu conhecimento prévio e de suas experiências vivenciadas. Ler e escrever não são suficientes, é necessário que o leitor utilize o aprendizado para viver na sociedade em que está inserido. Na opinião de Cosson,

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2006, p. 30).

Em suma, é primordial que se formem leitores capazes de desvendar toda a magia e poder da literatura, para que assim saibam utilizá-la e explorá-la sob os mais variados aspectos, visando o desenvolvimento de cidadãos aptos a compreender como o discurso literário está ligado ao nosso cotidiano e à nossa cultura.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DA LEITURA LITERÁRIA

Conforme visto anteriormente, a leitura é entendida como uma porta que abre uma gama de conhecimentos, tornando-se, assim, um dos elementos principais para a formação de indivíduos críticos e capazes de interagir eticamente na sociedade. Especificamente no processo da leitura literária, é interessante ressaltar a afirmação do autor Rubem Alves, ao dizer que o leitor deve ser o “intérprete”, deve transformar os signos de forma que dê vida ao texto, fazendo com que o mesmo ganhe significado, fluindo assim a magnitude da obra literária, gerando desta forma o prazer na leitura. (ALVES, 2002, p.43).

O autor diz ainda que o desprazer pela leitura ocorre quando os leitores desconhecem o encanto que um texto literário possui e muitas vezes acaba fazendo com que o texto seja abandonado. Isto acontece porque o professor geralmente se limita apenas a estudar a estrutura física do texto, desconsiderando a essência do mesmo, não levando em consideração a importância da análise do conteúdo.

Quando o leitor não consegue dialogar com a obra literária de forma a se relacionar intimamente com o texto, se faz necessário um mediador que ajude o indivíduo a refletir sobre as obras de maneira interativa e dinâmica. É aí que o professor exerce a função de mediador, auxiliando os leitores na relação leitor/texto, de forma a estabelecer um diálogo entre ambos. É como se o professor emprestasse sua própria visão do texto para que o aluno possa ver aquilo que não perceberia sozinho. Daí começa um processo até que o aluno se torne independente e possa seguir seu próprio caminho enquanto leitor (GOMES, 2002).

Segundo este autor, a falta de uma leitura mediada pode resultar em funções cognitivas deficientes. Gomes (2002) completa que a falta de interação com o meio cultural pode causar falhas no aprendizado, fazendo com que o indivíduo não se desenvolva adequadamente.

Não podemos deixar de frisar que o próprio texto literário também funciona como mediador no processo da leitura, uma vez que carrega em sua

essência lacunas que podem ser preenchidas pelo próprio leitor através de suas experiências vividas, recriando, assim, a história (BORTOLI, 2009).

Vale salientar, mais uma vez, o papel da escola na aquisição da leitura, pois a mesma deve ser um espaço preparado para que haja uma boa fluência da mesma. Infelizmente, a maioria das escolas não está cumprindo o seu papel, que é o de criar as condições necessárias para que a relação do aluno com as obras literárias seja eficiente ao ponto de formar leitores que sejam capazes de identificar a verdadeira função da literatura, tornando-a significativa tanto para os próprios alunos quanto para a sociedade em geral (COSSON, 2006, p.29).

2.4 CONHECENDO O RAPPER GABRIEL, O PENSADOR

Gabriel Contino, mais conhecido como Gabriel, o Pensador, é um artista de renome em nosso país, onde atua como *rapper*, compositor, escritor e empresário. Seu codinome, “Pensador”, surgiu logo em suas primeiras composições, justamente por expressar o que pensa. Sua carreira teve início com a música “Tô Feliz (Matei o Presidente)”, que faz uma severa crítica ao antigo presidente Fernando Collor, música essa que chegou a ser censurada pelo Ministro da Justiça. A partir de então, esse artista passou a fazer parte do cenário musical brasileiro.

Em suas composições, Gabriel ressalta os problemas vivenciados por boa parte da população brasileira, mas ele não quer apenas mostrar os problemas, mas sim convidar a sociedade a enxergar e dessa forma tomar alguma atitude para a melhoria das condições de vida. O interessante é que apesar de não fazer parte da camada menos favorecida, o autor tem uma sensibilidade tão aguçada que consegue refletir a realidade do meio social que ele próprio não faz parte, visto que Gabriel não é proveniente do meio periférico do RAP, se inclui neste meio apenas como observador crítico que tenta abrir os olhos dos cidadãos brasileiros para os absurdos ocorridos neste país.

O RAP (rhyme and poetry) surgiu entre os negros norte-americanos. É um gênero caracterizado por ritmo acelerado e quase inexistência de melodia e harmonia, com letras longas e entremeadas de gírias dos guetos e gangues. Essas características tornam o RAP um dos gêneros que mais se adaptam as atividades propostas no ensino, já que engloba a crítica social e o ritmo interessante aos alunos.

No Brasil, o RAP se iniciou na cidade de São Paulo em meados de 1986 e os primeiros shows aconteciam no teatro Mambembe. No início o público em geral considerava este estilo musical agressivo e por isso o RAP não tinha boa aceitação. Só depois na década de 1990 começa a ganhar mais prestígio e atenção por parte das indústrias fonográficas. Racionais Mc's, Pavilhão 9, Xis e Dentinho, Planet Hemp e Gabriel, o Pensador foram os protagonistas do RAP no Brasil que incorporaram este gênero musical à nossa cultura, vencendo os preconceitos e conquistando o grande público.

Não podemos deixar de mencionar também o HIP HOP, que literalmente se traduz como "ritmo dos quadris" e emergiu nos subúrbios negros dos EUA, na década de 70. Essas comunidades enfrentavam a pobreza, violência, racismo, tráfico, educação precária, dentre outros problemas sócio-econômicos, e o meio que os jovens encontravam para se divertirem era as ruas, através de um sistema de gangs (grupos) obedecendo sempre às regras impostas por elas, e disputavam violentamente o domínio pelo território. Assim começavam a nascer diferentes manifestações artísticas como a música, dança, poesia e pintura.

A partir daí surgiram ONGS que aspiravam acabar com os problemas dos jovens suburbanos por meio de disputas não violentas entre gangues, conhecida como os duelos entre MC's. Desta forma, nasceu o Hip-Hop, composto por seus quatro elementos originais (Dj, Mc, B Boy, Grafite). Posteriormente surgiu um quinto elemento e talvez o mais significativo na história do Hip-Hop que foi o conhecimento - consciência. Os jovens precisavam conhecer a cultura, os bons valores, ter acesso à educação para que assim se tornassem cidadãos capazes de promover uma mudança social.

Hoje em dia, infelizmente existem alguns artistas que não levam em consideração a verdadeira ideologia do Hip-Hop e acabam fazendo apologia às drogas e ao crime, pregando exatamente o contrário da cultura deste movimento. Gabriel, o pensador, um dos maiores nomes do Rap e do Hip-Hop brasileiro faz uma fusão entre ambos, visando denunciar as duras condições de vida que experimenta a maioria da população brasileira e a luta por uma mudança de atitudes que levariam à reversão de tal situação.

2.5. “PÁTRIA QUE ME PARIU”: UMA CRÍTICA EM FORMA DE CANÇÃO

Nas letras de suas músicas, “O Pensador” convida os ouvintes e também leitores a considerarem que para se ter felicidade não depende de alguém ou de um sistema, que o bem-estar não depende apenas do materialismo, que viver em paz consigo mesmo e com a consciência é o principal (MARTINS 2012).

Na perspectiva de Fernandes (2007), a música como expressão artística consente a capacidade do indivíduo se posicionar perante a sociedade, o transbordamento do eu para o mundo, das angústias mais individuais, especificamente na questão das manifestações de denúncias acerca da realidade. O estudioso ainda destaca a importância de que a música pode ser representada como um discurso:

Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. [...] As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem e a forma material de expressão desses lugares. (FERNANDES, 2007, p.18).

Neste sentido, o texto precisa dos elementos linguísticos (linguagem, língua ou texto), para obter uma existência real. Em se tratando do gênero canção, as letras não representam o discurso em si, mas se mostram como

expressões desse discurso. Além de ser possuidora dos sentidos e da expressão do discurso (PARANHOS, 1999).

Levando em consideração os problemas sociais vivenciados pela população brasileira, as canções estão se tornando objeto de acusação da dura realidade vivida por uma parte da população e da vigente corrupção do Brasil.

Para nortear o nosso estudo, tomaremos como base a letra da música “Pátria que me pariu” (1997) do artista Gabriel, O pensador que será a música utilizada em sala de aula na disciplina de literatura portuguesa com os alunos do ensino médio.

A composição acima descrita relata a história de um personagem anônimo, que representa não só um único indivíduo, mas toda a classe que vive a margem da sociedade, e que só é lembrada pelo poder público quando se torna um problema para a segurança pública ou alvo de polícias governamentais assistencialistas. A letra vai muito além do metafísico, enfatizando a história do nascimento e reprodução não apenas de uma criança, mas da violência que se inicia desde a concepção, passando por frustradas tentativas de aborto até uma vida de incertezas e desesperanças (PICOLLI, 2011).

Faz-se interessante chamar atenção dos alunos para o título da música que intrinsecamente chama o Brasil de prostituta, (Gabriel, 1999): “Pátria que me pariu, quem foi a pátria que me pariu?” e quebra com a visão de mãe exposta no nosso Hino Nacional Brasileiro: “Ó Pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil” (ESTRADA, 1822). Como também destrói com exaltação existente no poema “A canção do Exílio” de Gonçalves Dias (1998): “Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas tem mais flores, nossos bosques tem mais vida, nossas vidas mais amores).

Será interessante analisar esse poema em virtude do conteúdo programático da 1ª geração romântica, em que a pátria era idealizada e vista apenas pela ótica da perfeição, por isso será bastante proveitoso fazer uma análise comparativa destes dois textos com a música “Pátria que me pariu”,

afim de que os alunos pudessem refletir e formar opiniões acerca dos contrastes existentes na nossa sociedade.

Considera-se pertinente destacar o seguinte trecho da música:

A criança é a cara dos pais, mas não tem pai nem mãe,
Então qual é a cara da criança? A cara do perdão ou da
vingança? Será a cara do desespero ou da esperança?
Num futuro melhor, um emprego, um lar sinal vermelho,
não dá tempo prá sonhar. Vendendo bala, chiclete...
Num fecha o vidro que eu num sou pivete
Eu não vou virar ladrão se você me der um leite, um pão,
um vídeo game e uma televisão, uma chuteira e uma
camisa do mengão. Pra eu jogar na seleção, que nem o
Ronaldinho, Vou pra copa, vou pra Europa...
Coitadinho! (Gabriel, o pensador. 1999)

Esse trecho mostra o filho da “pátria” sendo um órfão abandonado, que se encontra confuso por não saber se segue o caminho do perdão ou da vingança. O mesmo procura através do trabalho de ambulante vendendo guloseimas nos semáforos, o que não satisfaz as suas necessidades. Gabriel retrata também neste mesmo trecho os sonhos, que apesar de não ter esperança de um futuro melhor o personagem tem os sonhos que toda criança na sua idade possui, ou seja, ascender socialmente através do futebol, como também ganhar presentes como vídeo game, camisa do time preferido.

Com a expressão: “Tô cansado de apanhar, tá na hora de bater”, o autor pretende mostrar que chega uma certa hora na vida do menino em que ele se revolta e resolve seguir o caminho da vingança se tornando um viciado em drogas e delinquente juvenil, como visto nessa parte da música:

Mostra tua cara, moleque! Devia tá na escola
Mas tá cheirando cola fumando um beck
Vendendo brizola e crack. Nunca joga bola mais tá
sempre no ataque. Pistola na mão, moleque sangue bom
É melhor correr porque lá vem o camburão. É matar ou
morrer! São quatro contra um! Eu me rendo! Bum! Clá!
Clá! Bum! Bum! Bum!” (GABRIEL 1999).

O trecho citado acima também traz, apesar de ser de forma bem discreta, talvez o maior problema enfrentado pela sociedade brasileira, que é a falta ou o defasado sistema educacional do nosso país. Atualmente, a educação é a peça chave para que o cidadão saiba se posicionar perante o mundo onde atua e dessa forma possa lutar contra as injustiças e a forte opressão que o poder político nos força de maneira covarde a enfrentar. É importante destacar ainda que, a educação enquanto peça principal no desenvolvimento pleno do cidadão funciona como instrumento de transformação social, abrangendo a própria dignidade do ser humano.

Uma das partes mais impactantes da canção analisada se encontra na última estrofe: “Boi, boi da cara preta pega essa criança com um tiro de escopeta. Calibre doze na cara do Brasil. Idade: quatorze, estado: civil morto. Demorou, mas a sua pátria, mãe gentil, conseguiu realizar o aborto.” (GABRIEL, 1999). Uma vez que nos reporta à uma famosa cantiga de ninar, que as mães utilizam para acalantar suas crianças. Percebemos que Gabriel deu uma conotação totalmente oposta no intuito de chocar os leitores e ouvintes e chamar a atenção para o problema da violência e da mortalidade infanto-juvenil, que no Brasil se tornou algo banal.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise realizada em nosso estudo, percebemos a relevância de capacitar o aluno-leitor de forma que o mesmo ultrapasse a mera decodificação do texto literário, sendo capaz de perceber o encanto trazido nas entrelinhas da obra literária, para que dessa forma seja um cidadão apto a interagir no meio em que vive.

Podemos perceber através desse estudo a relevância e eficácia de se utilizar o gênero música em sala de aula, especificamente em se tratando de canções com teor extremamente crítico, como foi visto na análise da composição “Pátria que me pariu” do ousado cantor e compositor, Gabriel, o Pensador.

Sabemos que o aluno especialmente o do ensino médio, ainda não consegue ter uma visão da essência da obra literária, compreendendo apenas superficialmente o texto. Como reforça Cosson (2006), “Ler é bem mais do que seguir uma linha de letras e palavras. Também não se restringe a uma decodificação, nem depende apenas do texto”. Para se ler uma obra literária é preciso identificar-se ao texto, nele descobrir-se de alguma forma refletido, visto que o leitor precisa se posicionar e questionar o(s) sentido(s), de forma a reafirmar os valores culturais, elaborando e ampliando sentidos. Como vimos no estudo à absorção crítica literária é o que se denomina de letramento literário.

Os profissionais que desejarem compartilhar esse tipo de leitura com seus alunos devem perceber que a prática do letramento literário é algo que tem que ser inventado e reinventado em cada escola, em cada turma, em cada aula, nesse processo contínuo o ensino de literatura passa a desenvolver um leitor capaz interagir no tempo e no espaço com a sua cultura, tornando-se um leitor ativo que possa se reconhecer como membro de uma comunidade de leitores críticos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. Por uma educação romântica. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

BORTOLI, Janaina Pieruccini. Letramento literário: leitura de contos populares na educação. Universidade de Caxias do Sul, 2009.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos. São Paulo: Cortez, 1997. V.2, p.22 - 23

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002, p.85

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria/prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DOMÍCIO PROENÇA FILHO. Pós-Modernismo e literatura. São Paulo: Ática, 1986, p.32.

FERNANDES. A música como instrumento de denúncia social. Disponível em: <http://pt.scribd.com/Luiz_Felipe_H_Piccoli/d/28567200-Gabriel-o-pensado-musica-reflexao-teorica>. Acesso em 12. 05. 2012.

FILHO, Domício Proença. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 1995. Série Princípios. (p. 5-10 e 36-44).

GABRIEL, O PENSADOR. Pátria que me pariu. In: GABRIEL, O PENSADOR. Quebra-Cabeça. Rio de Janeiro: Sony BMG, 1999. 1 CD. Faixa 1

GOMES, Cristiano Mauro Assis. *Feuerstein e a construção mediada do conhecimento*. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2002.

GONÇALVES DIAS. Poesia e prosa completas. Nova Aguilar: 1998.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, RJ, nº. 19. p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação* 2. ed. Rio de Janeiro: editora DP&A, 2003, p. 208.

MARTINS, P.S. Análise de letras de música de Gabriel o pensador. Disponível em:

<http://www.ufsm.br/corpus/II_JORNADA2009/RESUMOS/TED/Mestrado/pamelamartins_esp.pdf> Acesso, 21 de Junho de 2012.

ESTRADA, J.O.D. Hino Nacional Brasileiro. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_Nacional_Brasileiro>. Acesso em 10 de Junho de 2012.

PARANHOS, A. *Trabalhismo, música e mídia*. São Paulo: 1999.

PICOLLI, L.F.H. *A música como instrumento de denúncia social*. 2011.

Disponível em: < http://pt.scribd.com/Luiz_Felipe_H_Piccoli/d/28567200-Gabriel-o-pensado-musica-reflexao-teorica>. Acesso em 10.06.2012.

SILVA, I.M.M. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar* / Ivanda Maria Martins Silva – Recife: Programa de Pós-graduação da UFPE, 2005.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - LETRA DA MÚSICA “PÁTRIA QUE ME PARIU”

Gabriel O Pensador

(4x)Pátria que me pariu!

Quem foi a Pátria que me pariu!?

Uma prostituta, chamada Brasil se esqueceu de tomar a pílula,

e a barriga cresceu

Um bebê não estava nos planos dessa pobre meretriz de dezessete anos

Um aborto era uma fortuna e ela sem dinheiro

Teve que tentar fazer um aborto caseiro

Tomou remédio, tomou cachaça, tomou purgante

Mas a gravidez era cada vez mais flagrante

Aquele filho era pior que uma lombriga

E ela pediu prum mendigo esmurrar sua barriga

E a cada chute que levava o moleque revidava lá de dentro

Aprendeu a ser um feto violento

Um feto forte escapou da morte

Não se sabe se foi muito azar ou muita sorte

Mas nove meses depois foi encontrado, com fome e com frio,

Abandonado num terreno baldio.

(4x)Pátria que me pariu!

Quem foi a pátria que me pariu!?

A criança é a cara dos pais mas não tem pai nem mãe

Então qual é a cara da criança?

A cara do perdão ou da vingança?

Será a cara do desespero ou da esperança?

Num futuro melhor, um emprego, um lar

Sinal vermelho, não dá tempo prá sonhar

Vendendo bala, chiclete...

"Num fecha o vidro que eu num sou pivete

Eu não vou virar ladrão se você me der um leite, um pão, um vídeo game e

uma televisão, uma chuteira e uma camisa do mengão.

Pra eu jogar na seleção, que nem o Ronaldinho
Vou pra copa, vou pra Europa..."
Coitadinho!
Acorda moleque! Cê num tem futuro!
Seu time não tem nada a perder
E o jogo é duro! Você não tem defesa, então ataca!
Pra não sair de maca!
Chega de bancar o babaca!
Eu não aguento mais dar murro em ponta de faca
E tudo o que eu tenho é uma faca na mão
Agora eu quero o queijo. Cadê?
Tô cansado de apanhar. Tá na hora de bater!

(4x)Pátria que me pariu!
Quem foi a pátria que me pariu!?

Mostra tua cara, moleque! Devia tá na escola
Mas tá cheirando cola, fumando um beck
Vendendo brizola e crack
Nunca joga bola mais tá sempre no ataque
Pistola na mão, moleque sangue bom
É melhor correr porque lá vem o camburão
É matar ou morrer! São quatro contra um!
Eu me rendo! Bum! Clá! Clá! Bum! Bum! Bum!
Boi ,boi, boi da cara preta pega essa criança com um tiro de escopeta
Calibre doze na cara do Brasil
Idade 14, estado civil mo...rto
Demorou, mas a pátria mãe gentil conseguiu realizar o aborto.

(4x)Pátria que me pariu
Quem foi a Pátria que me pariu?

ANEXO B – LETRA DO HINO NACIONAL BRASILEIRO

Hino Nacional Brasileiro

Hinos de Países

I

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,

Pátria amada,

Brasil!

ANEXO C – POEMA “CANÇÃO DO EXÍLIO

CANÇÃO DO EXÍLIO – GONÇALVES DIAS

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

